



CULTURA DO CANCELAMENTO: CANCELAR PARA MUDAR? EIS A QUESTÃO

CULTURA DE CANCELACIÓN: ¿CANCELAR PARA CAMBIAR? ESA ES LA CUESTIÓN

Alessandro Ferreira da Silva¹

Resumo

Este artigo visa discutir como a cultura do cancelamento influencia e gera reações na sociedade, principalmente no que diz respeito às redes sociais (principalmente o twitter), cujo objetivo é aprofundar no modo em que o cancelamento gera discursos de ódio e se produz (ou não) uma mudança nos indivíduos que sofrem dessa exclusão virtual. Para tanto, seremos amparados pela visão de autores como Sílvio Almeida, cujo estudo está relacionado à cultura do cancelamento e seus impactos, de forma sociológica. Lucas Liedke, psicanalista, cuja pesquisa está baseada nas relações sociais na internet e reflexos do cancelamento, além de Diogo Soares, o qual possui pesquisa sobre as redes sociais e é gerente na área de conhecimento digital há mais de 10 anos. O intuito dessa pesquisa é buscar uma discussão e refletir sobre como a atual sociedade lida com o erro do próximo, a partir dessas redes e como o discurso de ódio pode tomar conta desse apontamento, em relação à exclusão do indivíduo cancelado e seu linchamento virtual. Como resultado, é possível perceber como essa discussão é profunda, possuindo pontos questionáveis quanto à exclusão social impedir o indivíduo de reconhecer seu erro e superá-lo, aprendendo e se desenvolvendo. Porém, fica a questão para atitudes criminosas e, nesses casos, se o cancelamento é o método correto de lidar com essa questão.

Palavras chave: cultura do cancelamento; redes sociais; linchamento virtual

Abstract

This article intends to discuss how the call out culture influences and produces reactions on the society, mostly with regard to the social media (mainly twitter), which objective is to deepen in the way the cancellation causes hate and if produces (or not) a change in each one who suffers with that social exclusion. Therefore, we'll be supported by the research of writers as Sílvio Almeida, whose work is related to the call out culture and each impact, in a sociological way. Lucas Liedke, psychoanalyst, whose research is based on the social media relationships and the impacts from the cancel culture. And also, Diogo Soares, who has a research about the social media and has been a manager in the digital knowledge area for 10 years. The intent of this article is to search and discuss and reflect about how the actual society deals with each one's mistakes, from the social media and how the hate speech can take the lead of the pointing, regarding the exclusion of the individual and its virtual lynching. It's possible to realize how this discussion is deep, owning questionable points about the social exclusion which prevents the individual to recognize his mistake and surpass it, learning and developing it. Still, the question remains to criminal attitudes and, in these cases, if the call out is the right way to deal with it.

Keywords: call out culture; social media; virtual lynching

Resumen

Este artículo tiene como objetivo discutir cómo la cultura de la cancelación influye y genera reacciones en la sociedad, especialmente con respecto a las redes sociales (principalmente twitter), cuyo objetivo es profundizar en la forma en que la cancelación genera discurso de odio y se produce (o no) un cambio en las personas que sufren esta virtual exclusión. Para ello, nos apoyaremos en la visión de autores como Sílvio Almeida, cuyo estudio se relaciona con la cultura de la cancelación y sus impactos, de manera sociológica. Lucas Liedke, psicoanalista, cuya investigación es limitada en las relaciones sociales en internet y reflejos de cancelación, además de Diogo Soares, que ha investigado las redes sociales y ha sido gestor en el campo del conocimiento digital durante más de 10 años. El propósito de esta investigación es generar una discusión y reflexionar sobre cómo la sociedad actual lidia con el error de los demás, a partir de estas redes y cómo el discurso de odio puede hacerse cargo de esta cita, en relación a la exclusión del individuo cancelado y su virtual linchamiento. Como resultado, se puede ver cuán profunda es esta discusión, con puntos cuestionables sobre la exclusión social que impiden que el individuo reconozca su error y lo supere, aprenda y se desarrolle. Sin embargo, la cuestión sigue siendo la actitud delictiva y, en estos casos, si la cancelación es el método correcto para abordar este problema.

Palabras clave: cultura de cancelación; redes sociales; linchamiento virtual

Recepción: 25/11/2020

Evaluado: 23/12/2020

Aceptación: 04/01/2021

Em tempo de quarentena...

O período de isolamento físico atenuou algumas questões já há muito discutidas. A falta de empatia, respeito e o desinteresse por debruçar-se diante das informações. O ser humano vive um período complicado no que tange essas questões e, por incrível que pareça, esses deveriam ser problemas deixados para trás em vista a tudo que vem ocorrendo ao redor do mundo no ano de 2020.

Não ignorando as questões de saúde e de respeito às recomendações que tangenciam o combate ao corona vírus, afinal, estão em constante discussão, mas nesse presente artigo iremos tratar de um dos fenômenos cada vez mais pautados ao discutir as redes sociais: a cultura do cancelamento.

Antes de tudo, é importante ressaltar o papel do autor deste artigo em pontuar fatos e abrir uma discussão caucada em exemplos e outras obras, no intuito de reconhecer e melhor informar o que é, como ocorre e quais os impactos da mesma para nossa sociedade, ainda mais em um período onde os indivíduos se sentem munidos de conhecimento devido à fluidez da informação via redes sociais e internet.

Através de notícias, postagens nas redes sociais (majoritariamente o twitter) e estudos sociológicos e psicológicos, em autores como Sílvio Almeida e Lucas Liedke, além de outros que veremos mais à frente. O objetivo é buscar uma conclusão acerca da discussão aqui proposta. Entretanto, se quisermos entender de verdade como essa cultura do cancelamento impacta em nossa sociedade, temos de partir do começo.

O que é a cultura do cancelamento?

Já fazem anos que na internet algumas posturas não são bem recebidas por uma grande porcentagem dos habitantes da ágora virtual. Conforme os anos passam, comentários e brincadeiras (como eram tidas) são passíveis de respostas negativas. Para melhor explicar, trarei um exemplo, o qual poderá elucidar e nos dar um ponto de partida para entender esse fenômeno.

No ano de 2019, um vídeo viralizou nas redes sociais. Tratava-se de Guilherme Kaue, conhecido como MC Gui - o qual se encontrava em viagem na Disney, fazendo um comentário bastante infeliz e impróprio sobre uma criança, a qual estava sentada no mesmo ônibus que o cantor. No vídeo, o rapaz comparava a criança com um "filme de terror". Após toda a repercussão negativa nas redes, alegando o vídeo como uma situação de "bullying", o cantor se posicionou acusando a reação popular como injusta, afinal ele fazia comentários acerca da fantasia que a garota usava.

Após nova reação negativa, o cantor enfim decidiu se desculpar publicamente com todos que pudesse ter ofendido. Com esse exemplo em mente, vamos analisar o fato.

A cultura do cancelamento consiste em expor um fato, geralmente por meio de alguma rede social e, em seguida, a depender de uma reação negativa das massas, o indivíduo ser rejeitado por esse público. Tendo em vista o significado de cancelar como tornar sem efeito, anular, eliminar; suspender, suprimir, podemos concluir que os efeitos dessa reação podem ser pesados.

Esse termo ganhou forças a partir do ano de 2017, quando vários casos de assédio sexual e estupro começaram a serem expostos por diversas atrizes de Hollywood. Via Twitter, principalmente, tornou-se "comum" a recorrência de "exposeds" (exposições), dos mais diversos assuntos: assédio, violência, machismo, racismo. As redes sociais permitiam e permitem que as pessoas possuam voz e recebam de imediato o respaldo e suporte de mais pessoas, sejam outras vítimas para compartilhar daquela dor e ajudar a enfrentar aquela questão, ou até mesmo para compartilhar aquilo até que aquela voz seja escutada pelo maior número de pessoas, provocando alguma mudança ou mesmo, levando aquelas acusações à justiça.

Esse cancelamento tende por excluir a pessoa exposta. Ainda sobre o MC Gui, por exemplo, perdeu shows, parcerias e teve que lidar com toda o linchamento virtual. Será que nessa vertente cabe o dito popular "cada um colhe aquilo que planta"? De fato, o rapaz cometeu um erro que lhe acompanhará pelos próximos anos, até que os juízes virtuais se esqueçam ou partam para outra, algo muito comum e que trataremos mais à frente.

Figura 1: Instagram do Rodrigo GR6 (gravadora do MC) cancelando a participação de MC Gui no Baile do Poderoso.



Foto por Alessandro Ferreira em 30/06

Uma coisa há de ficar lúcida neste artigo: casos de exposed devem sim ser levados a sério e há uma infinidade deles para pesquisar, apoiar e se informar cada vez mais, no intuito de discutir e buscar desenvolver nosso sentido de sociedade e respeito. A questão é: seria o tribunal da internet, capaz de julgar como culpado e/ou inocente a outra pessoa? Afinal, os motivos para o cancelamento podem ser dos mais banais aos mais intensos, perpassando por assuntos e temáticas variadas. No final das contas, há certo ou errado?

Para Diogo Soares, bacharel em ciências sociais pela USP e gerente de projetos na área digital e redes sociais há mais de 10 anos: "Eu te cancelo e eu tenho o poder de fazer isso e eu vou chamar outras pessoas para fazerem a mesma coisa. Então, o que era passível de ter uma discussão pública acaba construindo outras formas privadas de uma cultura que pode dar muito errado, muito rápido".

Não é de hoje que o anonimato nas redes sociais é discutido como um meio de poder e encorajar o usuário a se sentir numa posição da qual é capaz de falar/fazer, em forma de publicação, aquilo que bem entender. "É um mundo muito mais complexo que vem sendo nivelado por baixo, em uma espécie de movimentação que não passa por questões de valores, mas sim perseguições e outros tipos de sentimento que são muito individualistas" completa Diogo.

Essas perseguições podem ser identificadas como linchamento virtual e, ainda no exemplo do MC Gui, podem refletir em ameaças e xingamentos, indo além do ato de exclusão virtual, para a agressão virtual. Porém, como já dito, o anonimato dá um poder imensurável aos usuários.

Figura 2: Uma das várias reações agressivas nos comentários do post da Figura 1



Foto por Alessandro Ferreira em 30/06

Nesse sentido, o tribunal da internet pode trabalhar de forma positiva, numa tentativa, de boa intenção, para tentar conscientizar, porém, a larga escala da reprodução daquele conteúdo, pode fazer esse propósito se perder em meio a discursos de ódio.

Me parece que o sistema legal e institucional, das respostas que essas grandes empresas dão, é insuficiente. Deveria haver um controle mais público e mais transparente sobre o que é um crime e quem está sendo punido, e isso deveria passar por especialistas e universidades para organizar melhor o motivo pelo qual algumas mobilizações sociais sobre o que é bom ou ruim acontecem. (SOARES, Diogo. Em entrevista para o Canaltech. 13 de maio de 2020)

Para Diogo, é necessário um meio para determinar realmente o que é ou não crime, nesse âmbito virtual. Isso fica explícito em casos como o de Hollywood, cuja exposição gerou investigações policiais, as quais perduram até o presente ano (2020). É importante saber reconhecer como o cancelamento pode ocorrer de forma construtiva, talvez não com esse nome, mas sim no intuito de evidenciar um erro, ou algum comentário que já não condiz com a sociedade e demonstrar como o indivíduo pode desenvolver essa percepção, reconhecer seu erro e então, ressignificar seus conceitos. Afinal, a internet pode nos apresentar discussões e contextos sociais que não conhecemos e, por meio dela, é possível aprender e disseminar conhecimento.

Você foi cancelado

Agora que sabemos como a cultura do cancelamento atua em nossa sociedade, vamos nos aprofundar em seus impactos e suas consequências para os envolvidos. Todos os anos o Dicionário Macquarie faz um mapeamento com as palavras e expressões que definiram o comportamento social naquele ano. Em 2019, o termo da vez foi “cultura do cancelamento”. Não era de se surpreender.

O ser humano, conforme os anos se vão, se torna mais adepto ao maremoto nas redes sociais, publicar uma opinião pessoal é uma árdua tarefa, pois o medo de um julgamento e, possível cancelamento, são inibidores potentes contra as ideias de algumas pessoas. Não há como ignorar, nesse ponto, a genialidade do canadense McLuhan², ao fazer uma espécie de antecipação do que veríamos a conhecer com internet. A aldeia global seria o local no qual as ideias estariam em direções caóticas.

As divergências são inevitáveis, mas quando foi que o ser humano passou a ver com tanta repulsa aquilo que não lhe convém? Sempre ressaltando a importância de deixar explícito que “Há situações, pessoas e ideias que devem ser combatidas com extremo vigor. Considero um dever moral o uso da força contra o fascismo quando necessário. Com igual vigor, devemos tratar quem apoia racismo, sexismo e extermínio de pobres.”, Sílvia Almeida surge nessa discussão como um locutor perfeito para pontuar como a cultura do cancelamento é perigosa e, também, antipolítica.

Ao me referir às redes sociais, usei o termo “ágora virtual” que é pautado nas discussões de Pierre Lévy, para ressignificar a ágora grega – espaço no qual ocorriam as discussões

políticas acerca da sociedade, como a internet é hoje. Não há como negar. Ao entrar na internet você encontra e descobre o que está acontecendo no mundo a qualquer momento. Os "trending topics" (assuntos do momento) do twitter, nos atualizam quase simultaneamente conforme as pessoas vão comentando e dando visibilidade a um determinado assunto. Logo, se você está sendo cancelado, te garanto, você pode não ser o primeiro, mas também não será o último a saber.

Nessa ágora virtual, a política exercida é a da supremacia do achismo. "Acho que", é o primeiro passo para formar seu "tweet" ao tratar-se do twitter. Nesse sentido, todos poderão comentar e responder o que você acha, com aquilo que eles acham. Então vamos imaginar se alguém, por exemplo, publica algo que o mostra fazendo uma festa em sua casa, ou na casa de amigos, em período de isolamento social, cuja determinação é não sair de casa e evitar ao máximo o contato com outras pessoas? O que será que as pessoas acham disso?

Figura 3: Prejuízo da influenciadora Gabriela Pugliesi após postar sobre festa durante isolamento.

Festa durante isolamento pode ter causado prejuízos de R\$ 3 milhões a Gabriela Pugliesi



Beatriz Calais

🕒 1 de maio de 2020 📁 Colunas, Principal

Foto por Alessandro Ferreira em 30/06

Gabriela Pugliesi foi um dos vários casos de cancelamento vividos nessa quarentena até o presente momento. Todos os dias o nome de um influenciador, músico, ator, atriz, cantora, etc. aparece como um dos assuntos do momento, claro, não é 100% das vezes algo negativo, mas 90% das vezes o internauta já entra naquele assunto com "o que fez dessa vez?" em mente.

E claro, como todo bom cancelado, o protocolo foi seguido de forma padrão. Primeiro demora para se pronunciar, então uma desculpa que não convence, mas que em meses ou anos, será apagada da memória líquida de nossa sociedade. Então, a pergunta ainda fica no ar: para que serve ou mesmo, por que existe essa cultura de cancelar pessoas? Afinal, algumas são simplesmente devastadas da internet, enquanto outras são apedrejadas e, se forem capazes, conseguem retornar a sua posição de influenciar e disseminar opiniões mesmo sem se reformular ou mudar seus posicionamentos.

A política é também o lugar do conflito, da agonia e da contradição. É o lugar da luta, do enfrentamento e da crítica. Mas, por apostar na humanidade como invenção, a política é igualmente o lugar da pedagogia. [...] Tanto o uso da força como a educação exigem responsabilidade. Por isso, a cultura do cancelamento é a antipolítica por excelência. É a recusa da educação e, mais ainda, do confronto. Seu único objetivo é negar a existência do outro. O cancelamento é o triunfo da irresponsabilidade. (ALMEIDA. 2020, p. 1)

Para Almeida (2020), a cultura do cancelamento é algo antipolítico – tendo em vista que a política, de acordo com Aristóteles (385 – 323 AC), está dividida entre ética e a política propriamente dita, a qual está pautada na felicidade coletiva. Ou seja, a política é, ou ao menos deveria ser, um ambiente próprio para exprimir e discutir ideias, proposições e, por que não, discordar. Almeida retrata essa questão ao apresentar que a política é sim um local de conflito, agonia e contradição. Não há como desassociar a política do conflito, afinal, opiniões são diversas e são construídas a partir de vivências, experiências e repertório social.

Entretanto, é importante frisar quando Almeida trata da política como a pedagogia. Nesse ponto, note como ele se refere à cultura do cancelamento, como a recusa da educação. Ao cancelar alguém, você, conforme seu significado, nega sua existência e, conseqüentemente, apaga seu erro. O ser humano desde jovem aprende conforme o meio em que está inserido a se portar na sociedade, como se comunicar, como se vestir e todos os acordos sociais presentes naquele contexto.

Concordemos que isso pode (senão sempre, na maioria das vezes) ser transformado conforme o indivíduo começa a frequentar e ser tocado por outras realidades, experiências e contextos. Logo, como exigir de todos uma postura considerada “correta”? O que é, ou deveria estar correto? Como vimos mais acima, Diogo Soares interpreta essa situação como um equívoco, pois o cancelamento depende estritamente de qual contexto social se está adequado.

Moldando essa percepção caucada no comentário de Almeida, creio que a cultura do cancelamento acaba impedindo que as discussões se desenvolvam, mas claro, em casos de racismo, fascismo e demais atitudes indiscutivelmente repugnantes, não há uma expressão de opinião, e sim ódio. Logo, o papel do indivíduo cancelado perpassa por uma renovação de seus conceitos. Um aprendizado, cuja eficácia pode ser interferida justamente pelos discursos de ódio e o linchamento virtual.

O grande problema da cultura de cancelamento está justamente no que frisei acima, no fato de cancelar a existência. Se você comete um erro, o único jeito de não o cometer novamente é se eu o excluir totalmente de qualquer possibilidade de diálogo? Veja que aqui tratamos de erros e não crimes, afinal, ao cometer um crime, o indivíduo estará a mercê do sistema de justiça e deve cumprir com o julgamento adequado para seu erro. Porém, por que somos os primeiros a julgar? Dar voz à uma vítima é essencial para ver a justiça acontecer, mas em diversos casos é notável a falta de discernimento virtual quanto ao que é passível de um diálogo visando o crescimento pessoal e uma troca de valores, bastante útil para se atualizar em nosso mundo tão volátil às mudanças diárias que a sociedade vem sofrendo.

Queira ou não, nosso mundo vem se atualizando na velocidade de um aplicativo, contudo, não sei se todos estão prontos para abrir espaço em seu sistema para receber atualizações tão pesadas, ou mesmo, se estão afim de realizar essa atualização. Nesse ponto, mora o perigo. A internet não costuma perdoar e, quando o faz, possui suas próprias regras.

O manual do cancelamento prevê que uma desculpa honesta (de acordo com a análise popular) atrelada a uma demonstração de culpa e interesse pela mudança significam a possibilidade do réu ser condenado a serviço comunitário. Ou mesmo ocorre um esquecimento/ignora-se o ocorrido, fato conhecido hoje como “passar pano”, cujo conceito consiste em “perdoar” ou simplesmente fechar os olhos para o erro de alguém caso essa pessoa seja alguém que você idolatra e/ou se espelha. Afinal, doe muito para quem ama, admitir que aquela idealização, o ídolo – que você criou a partir das tuas próprias expectativas e análises nada imparciais, pode não ser algo perfeito.

Voltemos aos exemplos. Em 2018, durante a copa do mundo na Rússia, o youtuber Júlio Cocielo do Canal Canalha, foi mais uma vítima do cancelamento. O mesmo fez um post sobre um dos jogadores da seleção francesa: "Mbappé conseguiria fazer uns arrastão top na praia hein?". O fato incomodou, com razão, os internautas, pela questão racial. Mbappé, jogador negro, é muito rápido e, como alegou na época, Júlio fez um comentário em torno de sua velocidade, pensando em como ele seria eficiente em um "arrastão". Porém, por todo o contexto social e histórico, as pessoas interpretaram esse tweet como um caso explícito de racismo.

O caso rendeu grandes perdas para Cocielo, que na época chegou a perder vários patrocínios, sem contar a quantidade de ódio que recebeu nas redes sociais durante o ocorrido. Adidas, Banco Itaú e Submarino foram algumas das marcas que cortaram relações com o youtuber.

Figura 4: Júlio e seu pedido de desculpas via twitter

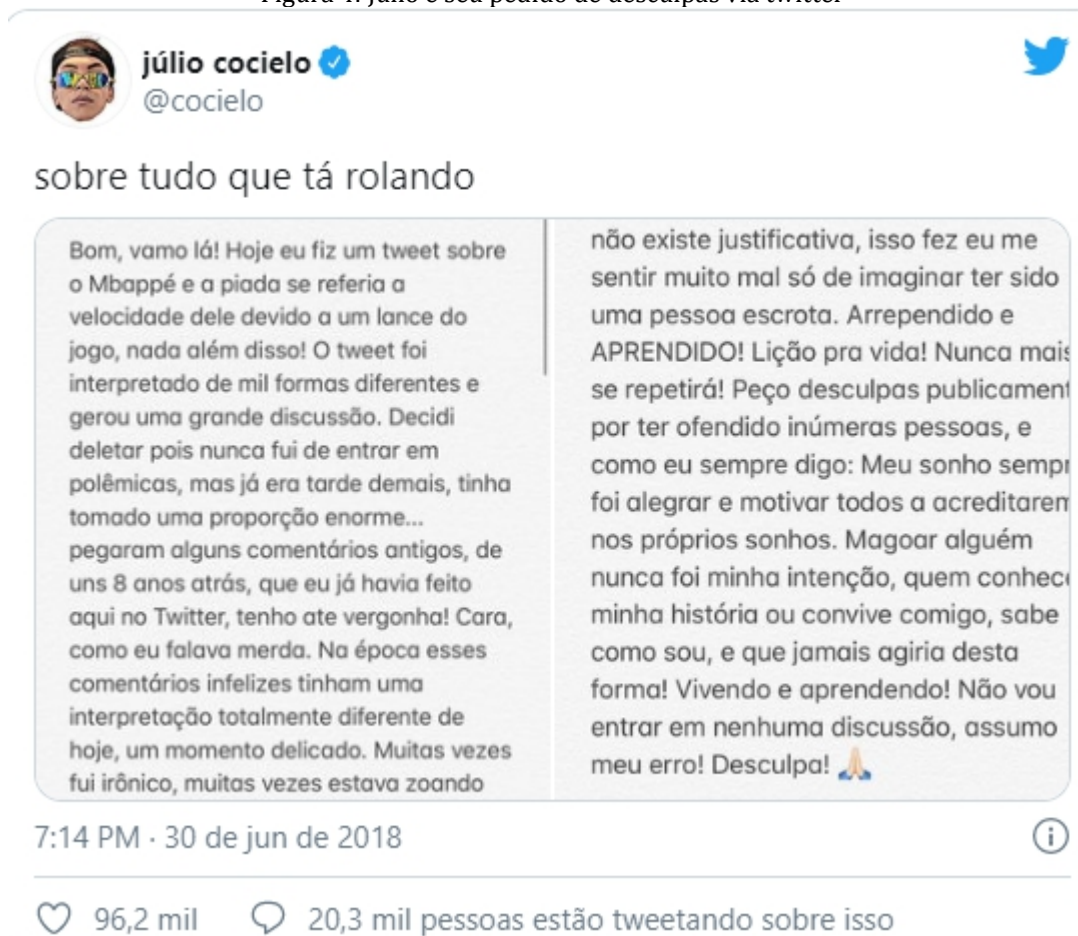


Foto por Alessandro Ferreira 01/07

Seu pedido de desculpas dividiu opiniões entre a corte do tribunal, mas no final das contas, Júlio se mostrou arrependido o suficiente para buscar sua sentença. "Agradeço as pessoas que souberam me ouvir e explicar sobre o racismo institucional e racismo velado. É algo que todo mundo precisa aprender e entender". Sua resposta, afirmando sua ignorância e demonstrando a intenção e interesse por reconhecer seus erros foram suficientes para agradar maior parte dos juízes de plantão, os quais acompanhavam a causa sedentos por mais deslizes. Afinal trata-se de ver a pessoa afundar em seus erros, mas não em sua melhora.

Não podemos deixar de lado o caso BBB20. O Big Brother Brasil sempre foi conhecido por atrair pessoas de cunhos e posicionamentos diferentes, fórmula perfeita para a discórdia. Esse ano, 2020, a pauta mais comentada foi a do feminismo. Devido às manifestações de machismo explícitas e comentários nada agradáveis, desrespeitosos e extremamente opostas ao que se vem tentando desconstruir na sociedade atual, os homens foram cancelados logo no começo do programa e, conseqüentemente, eliminados um por um. Porém, chegou um momento do jogo em que algumas das mulheres, segundo análise do público, perderam de vista essa bandeira levantada. Com a chegada de um novo participante, algumas das mulheres começaram a ser acusadas de seletividade em sua militância, ou seja, o que valia para os homens eliminados, não valia para quem estava do lado delas.

Isso gerou uma revolta do público, que acabou por eliminar as mulheres, cuja trajetória havia se perdido durante o confinamento.



não vou passar pano pra um ASSEDIADOR nojento.
#ForaPyong
pra quem não lembra:
(quem não for fora pyong por favor pare de me seguir)
[twitter.com/priorsincerao/...](https://twitter.com/priorsincerao/)

12:16 AM · 16 de mar de 2020

58 18 pessoas estão tweetando sobre isso



Pra quem esqueceu quem realmente esse rato é, ta aqui

Prior: O que essa mina (Mari) foi fazer lá?
Hadson: Foi dar pro Lucas
Lucas: Mas eu não quis comer. Não tava com fome.
#BBB20

[twitter.com/Kcomenta_/stat...](https://twitter.com/Kcomenta_/status...)

12:08 AM · 18 de mar de 2020

9 Veja outros Tweets de Marcassa



A menina dormindo e esse bando d babaca falando dela "imagina namorar alguém assim" "a Gizelly não me dá sossego" "ela não faz, eu vou parar" Marcela acha que ta arrasando, Daniel dava a liderança até pro macaco da Flay, pra n ter que transar com ela e ela aí



0:36 | 766 mil visualizações

6:28 AM · 9 de mar de 2020



Pra quem esqueceu quem realmente esse rato é, ta aqui

Prior: O que essa mina (Mari) foi fazer lá?
Hadson: Foi dar pro Lucas
Lucas: Mas eu não quis comer. Não tava com fome.
#BBB20

[twitter.com/Kcomenta_/stat...](https://twitter.com/Kcomenta_/status...)

12:08 AM · 18 de mar de 2020



ivy: "quem que penteia cabelo com um trem desse? (pente garfo)"

pyong: "o babu, ele usa pq o cabelo dele é especial (tom de ironia)"

Ivy mais uma vez dando show de PRECONCEITO no BBB e pyong e gizelly rindo e apoiando, eu tenho NOJO desse grupo

#bbb20
[twitter.com/elmagostan/sta...](https://twitter.com/elmagostan/status...)

2:02 AM · 15 de mar de 2020



3

Essas reações ilustram um pouco disso, mas não chegam nem perto de toda a mobilização social nas redes sociais, principalmente no twitter, em torno dessa edição

do programa. Entretanto, não percamos o foco. O meu ponto é que, enquanto boa parte dos participantes (em geral masculino, acusados de atitudes machistas como vemos nas imagens retiradas do twitter) não conseguia ou preferiu não reconhecer/assumir suas atitudes preconceituosas, machistas e retrógradas, outros se mostraram mais dispostos a reconhecer seus erros, buscando estudar e aprender com o que fora pontuado como “falhas” dentro do programa. Um desses casos foi da ginecologista Marcela McGowan, participante que sofreu com o cancelamento, mas se demonstrou aberta a mudanças. Ainda falou sobre o linchamento virtual que recebeu após sair do confinamento:

"Eu acho muito importante ouvir críticas na minha vida. Todas as coisas construtivas e os erros grandes que me foram pontuadas no meu pós, eu faço questão de estudar, de entender e de melhorar. Mas existe um cancelamento, um linchamento que acontece por causa de situações no jogo, como se todos fossem perfeitos". Falou Marcela em entrevista para o UOL. Claro, o BBB possui um quesito a mais por todo o estresse do confinamento e a pressão conforme o jogo vai avançando, mas não deixa de ser um ambiente no qual as pessoas vivem. Comentários racistas, homofóbicos, machistas aconteceram e a internet não perdoou.

Contudo, a importância de tentar encontrar, em meio do linchamento, o seu erro e buscar formas para melhorar é sempre a melhor maneira de lidar com essa questão.

Quem cala consente

Outro caso curioso, do qual é necessário tratar, está ligado à necessidade que a cultura do cancelamento criou, principalmente nas personalidades públicas: influenciadores, famosos etc. Hoje em dia é mais válido publicar uma mensagem de apoio a algum movimento, ou logo se posicionar a favor do lado “moral” mesmo que não seja da tua virtude apoiar aquela causa ou grupo.

Não é surpresa vermos entidades, marcas, empresas, pessoas que se posicionam pelo medo de perder seu alcance e o respeito/poder que já alcançaram no mercado consumidor. Há sim, um cunho mercadológico nesses posicionamentos. O psicanalista Lucas Liedke⁴ aborda dessa questão: “O cancelamento enquanto fenômeno está alinhado ao pensamento neoliberal em que vivemos, onde pautamos as nossas escolhas pela mentalidade de consumo e da substituição. Podemos deixar de comprar produtos de uma empresa envolvida em um escândalo ambiental, assim como cortamos os vínculos com um familiar em função de seu posicionamento político.” Em publicação de seu Medium⁵.

Sua colocação demonstra como a sociedade se resume a rodear-se daquilo que lhe interessa e pronto. Sem dúvidas, devemos nas redes sociais, buscar aquilo que nos interessa, afinal, todos devem ser livres para postar aquilo que pensam, contanto que não firam ou faltem com o respeito do próximo, como deveria ser ao menos. Essa substituição tende por tomar conta dos posts em tempos de “discussões acaloradas” nas redes sociais. O medo de acontecer algo semelhante a Pugliesi, Cocielo e tantos outros controla, através do medo, aos demais influenciadores e formadores de opinião, que temem estar nos holofotes ou se tornarem matéria para os mais diversos sites de fofoca. Uma situação curiosa é quando não ocorre esse posicionamento. Qual a reação popular?

Figura 10: Carta aberta de Felipe Neto no Twitter



Foto por Alessandro Ferreira em 01/07

Este post foi feito pelo influenciador/youtuber Felipe Neto no dia 9 de maio de 2020. No vídeo “carta aberta” Felipe faz uma crítica política ao governo vigente de Jair Bolsonaro e aos constantes ataques à democracia (assunto para outro artigo). Porém, não fica por aí, o influenciador ainda sugere que já acabou o período para se calar, e que a partir desse momento, quem permanecesse calado estava sendo conivente e, em suas palavras, fascista.

Há vários pontos para se analisar, primeiro vamos lembrar o que é definido como fascismo: movimento político e filosófico ou regime (como o estabelecido por Benito Mussolini na Itália, em 1922), que faz prevalecer os conceitos de nação e raça sobre os valores individuais e que é representado por um governo autocrático, centralizado na figura de um ditador⁶. Um governo ditador está previsto para impor sua crença e “opinião” sobrepondo quaisquer sejam as demais. Me parece com algo posto no vídeo.

Outra questão a se analisar e amarrar com o que foi dito por Liedke. Essa substituição é muito rápida. Se um influenciador vai de encontro à opinião de uma empresa, já ficou explícito como a instituição reage. Não são todos que estão preparados e possuem a coragem necessária para se posicionar.

E por fim, mas não menos importante. Vivemos, ou ao menos queremos crer, num regime democrático. Ao contrário da ditadura, não há um dito superior, ninguém é obrigado a se posicionar. É necessário e muito importante que nos posicionemos, ainda mais quando se possui uma larga escala de disseminação, como é o caso desses influenciadores, porém, como obrigar alguém a um posicionamento? Posso ser contra algo, mas preferir manter minhas atitudes reservadas ao mundo tangível, deixando o virtual de lado. Em tempos polarizados as pessoas possuem necessidade de se apresentar o quanto antes no lado “correto”, mas será que é por sua própria opinião? Ou será apenas uma necessidade de pertencer a um movimento que muita das vezes não possui o mínimo de conhecimento?

No atual contexto social, mais vale postar uma hashtag em suas redes sociais do que gerar uma discussão e promover o conhecimento com alguém que está todos os dias ao seu lado, presencialmente, tendo atitudes fascistas, racistas, machistas, homofóbicas ou de qualquer cunho desrespeitoso, cuja bandeira você levanta nas redes sociais, afinal, nelas, o peso é bem menor.

A imagem que você deseja passar, atualmente, está muito atrelada aos posicionamentos que sua conta nas redes sociais apresenta. Por isso, vemos a crescente numa necessidade dos fãs em ver seu "ídolo" postar uma hashtag dando apoio a um movimento que eles creem. Mas pra quê? Só a tua crença naquela bandeira não é suficiente? É necessária uma confirmação daquilo que você vê como certo, para se sentir pertencente e se tornar convicto daquele movimento. Dessa forma, se desenvolve uma falsa sensação de pertencimento, afinal, não passa de um compartilhamento em que o indivíduo precisa colocar a placa de antirracismo/fascismo/homofobia e por aí vai.

Todavia, esse silêncio é, pasme, também um motivo para cancelar a pessoa. O indivíduo ao preferir não se pronunciar, acaba então se tornando complacente à determinada causa? Logo, se não faço um post na minha rede social, me torno automaticamente um fascista. Muitos artistas e influenciadores criticaram a forma como Felipe colocou as palavras nesse vídeo. Creio que sua intenção fora a melhor, numa tentativa de motivar mais pessoas a se pronunciarem, gerando uma união virtual em prol da democracia e enfrentar as correntes totalitárias. Porém, ao promover esse discurso, caiu no poço em que derrubou a quem se calou.

Cancelar a cultura do cancelamento é solução?

Esse artigo elucida que a cultura do cancelamento promove uma análise dúbia, tendo em vista suas diferentes vertentes e possíveis interpretações. Podendo atuar de forma positiva, mas também, muito agressiva, tornando-a negativa.

Cada história de cancelamento é um caso diferente. Algumas parecem mais justas e até necessárias. Outras parecem uma manifestação exagerada de ódio ou mesmo uma atitude infantil que só confirma a nossa atual dificuldade de estabelecer diálogos. Cancelar uma pessoa talvez seja lidar de forma muito superficial com a ponta do iceberg de uma questão social e cultural muito maior. [...] Qual é a penalidade e o nível de tolerância para lidar com a ignorância ou o erro do outro? Existe algum espaço para o perdão e o arrependimento? Existe tempo para o outro rever suas ações ou seu discurso e quem sabe converter a sua posição subjetiva? (LIEDKE, 2020, p. 1)

Nesse ponto Liedke posiciona-se de forma muito feliz ao questionar qual a penalidade e o nível de tolerância diante do erro alheio. Essa dificuldade de diálogo se reafirma com o crescimento do linchamento virtual, dos bloqueios, da repulsa a aquilo que não nos identificamos. Algo que afirmo e reafirmo nesse artigo é a necessidade de perceber como alguns casos são importantes, por representarem um movimento que necessita dessa voz de cancelamento para que haja mudança, vide denúncias de assédio em Hollywood e no mundo todo. Porém, algo curioso é, como funciona a "ressocialização" desse indivíduo? Ou ao cancelar, simplesmente está excluído da vida e morre por completo aquela figura?

Almeida (2020, p.1) nos responde que "cancelar é produzir um morto-vivo, ou ainda, uma alma penada que habita uma casa arrastando correntes. Cancelar é um gozo de sofrimento. O cancelado e o cancelador se unificam na irresponsabilidade moral e política." Devido à sua visão política de ser necessária uma discussão com propósitos educacionais, afinal, como pudemos notar, a cultura do cancelamento parte de

perspectivas sociais em grande maioria, na qual o indivíduo tido como errado, pode e deve buscar aprender e conhecer mais sobre determinado assunto.

O autor ainda cita a cultura indígena, a qual coloca o indivíduo que errou e todos sentam a sua volta, dizendo todas as coisas boas que já fez, para que se lembre de sua capacidade de melhorar. Contudo, vale ressaltar e reafirmar, nem todos os cancelamentos estão aptos a discussão. Casos de questão judicial, racismo, homofobia, pedofilia entre outros devem ser resolvidos juridicamente, não via redes sociais. Uma postagem se mantém necessária para expor a pessoa pelo que fez? Como medir e identificar um erro digno dessa exposição virtual? Fica a questão para o leitor.

Mais uma citação de Liedke torna mais fácil ou profunda essa reflexão:

Encontrar um bode expiatório para representar o grande mal de uma luta moral ou ideológica, por vezes, pode ser uma manobra coletiva cruel contra um único indivíduo. Ao mesmo tempo, é uma forma efetiva de criar uma marcação simbólica no tempo e na cultura. Heróis (e anti-heróis) sempre foram eternizados pelo que fizeram e pelo que foi feito com eles, e com isso modificamos e evoluímos o pensamento vigente para chegarmos em algo novo; ainda que alguns corpos e nomes precisem ser sacrificados no meio do caminho. (LIEDKE, Lucas. CULTURA DO CANCELAMENTO)

Portanto, é necessário rever como a cultura do cancelamento vem afetando e transformando a sociedade. Levantar bandeiras requer mais do que simplesmente blindar-se através de uma publicação. É bastante importante dar coro ao grito de causas sociais e buscar aprender, conhecer e valorar suas vozes, assim será possível desenvolver uma capacidade de apoiar e dar visibilidade a elas. Liedke deixa a dúvida para o leitor, enquanto Almeida finaliza seu texto com a seguinte frase: "A cultura do cancelamento deve ser cancelada porque nada tem a ver com o Brasil."

É complicado tentar finalizar com uma declaração concreta, porém é um tema polêmico que gera uma discussão interessante. Enquanto é necessário expor para o indivíduo, muitas vezes cômodo em sua posição e sem noção do mal que pode estar causando a outros indivíduos, para então buscar uma melhora. Também se faz necessário pensar em como essa exposição será feita, pois o tribunal da internet não mede suas sentenças. Além disso, vale retomar a questão do silêncio. Omitir ou calar-se diante as redes sociais e a pressão virtual para fazer parte de um movimento, tornam-me oposição? Há quem se posicione por viés mercadológico, visando manter as marcas a seu lado, conservando sua imagem com o público que lhe acompanha, majoritariamente a favor da mesma opinião que esse influenciador/formador de opinião. O medo toma conta do silêncio, mas ainda creio que nesse sentido, as atitudes fora das redes mais valem do que uma simples hashtag, embora entenda e respeite a quem publica/reposta e compartilha no intuito de dar visibilidade às mais diversas causas.

A internet é um espaço para conectar-se, discutir sim, rever conceitos e, como tudo em nossa vida, aprender. Porém cuidado, em um click ou outro, seu nome pode estar nos assuntos mais comentados e então o aprendizado se perde em meio aos "acho que" e a ordem não é colocada, mas sim, compartilhada.

Referências

ALMEIDA, S. (2020). A cultura do "cancelamento" é a antipolítica por excelência.

Disponível em:

<https://portaldisparada.com.br/cultura-e-ideologia/cancelamento-antipolitica/>.

Acesso em 30 de jun 2020.

- ANDRADE, Ranyelle. Cultura do cancelamento expõe intolerância desta geração. 2020. Disponível em:
<https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/cultura-do-cancelamento-expoe-intolerancia-desta-geracao>. Acesso em 30 jun 2020.
- ÁVILA, F. (2020). BBB20: Cancelados! veja os ex-favoritos do público. Disponível em:
<https://www.ofuxico.com.br/bbb/noticias/bbb20-cancelados-veja-os-ex-favoritos-do-publico/2020/03/22-373907.html>. Acesso em 30 de jun 2020.
- BrasilEscola. Política. Disponível em:
<https://brasilescola.uol.com.br/politica/politica-definicao.html>. Acesso em 1 de jul 2020.
- CALAIS, B. (2020). Festa durante isolamento pode ter causado prejuízos de R\$ 3 milhões a Gabriela Pugliesi. Disponível em:
<https://forbes.com.br/colunas/2020/05/festa-durante-isolamento-pode-ter-causado-prejuizos-de-r-3-milhoes-a-gabriela-pugliesi/>. Acesso em 1 de jul 2020.
- CANDIDO, C. (2020). Ágora Virtual. Disponível em:
<http://www.caosmose.net/pierrelevy/agoravirtual.html>. Acesso em 1 de jul 2020.
- CUNHA, C. Assédio sexual – denúncias em Hollywood trazem debate sobre o que é violência. Disponível em:
<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/assedio-sexual-em-hollywood-multas-por-assedio-nas-ruas-ja-surgem-pelo-mundo.html>. Acesso em 30 jun 2020.
- DEMARTINI, F. (2019). A “cultura de cancelamento” foi eleita como termo do ano em 2019. Disponível em:
<https://canaltech.com.br/redes-sociais/a-cultura-de-cancelamento-foi-eleita-como-termo-do-ano-em-2019-156809/>. Acesso em 30 jun 2020.
- FRAGA, R. (2020). Além de Alessandra Negrini: lembre famosos que já foram "cancelados" nas redes sociais. Disponível em:
<https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/gente/noticia/2020/02/alem-de-alessandra-negrini-relembre-famosos-que-ja-foram-cancelados-nas-redes-sociais-ck6qh23vq0jpk01qd7hp6a7li.html>. Acesso em 30 jun 2020.
- F5 Folha. (2018) Júlio Cocielo diz estar consciente do seu erro e que foi imaturo: 'Eu vacilei'. Disponível em:
<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2018/07/julio-cocielo-diz-estar-consciente-do-seu-erro-e-que-foi-imaturo-eu-vacilei.shtml>. Acesso em 1 de jul 2020.
- G1. (2019). MC Gui tem mais shows cancelados após vídeo de bullying na Disney. Disponível em:
<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/10/23/mc-gui-tem-mais-shows-cancelados-apos-video-de-bullying-na-disney.ghtml>. Acesso em 30 jun 2020.
- IZEL, A. (2020). A cultura do cancelamento. Disponível em:
https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/opiniao/2020/03/17/internas_opiniao,834742/artigo-a-cultura-do-cancelamento.shtml#:~:text=%C3%89%20exatamente%20isso%20que%20a,%E2%80%9Ccancelamento%E2%80%9D%20comecem%20a%20surgir. Acesso em 30 jun 2020.
- LÉVY, P. (1999). Cibercultura. São Paulo: Editora 34.
- LIEDKE, L. (2020). A cultura do cancelamento. Disponível em:
<https://medium.com/psicanaliedke/cultura-do-cancelamento-d34539f419be>. Acesso em 30 jun 2020.

- LIMA, J. (2019). Quais os efeitos da cultura do cancelamento. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/11/01/Quais-os-efeitos-da-cultura-do-cancelamento>. Acesso em 30 de jun 2020.
- LÔBO, R. (2014). Aldeia Global: que conceito é esse? Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/pensar/2014/09/20/noticias-pensar,159524/aldeia-global-que-conceito-e-esse.shtml>. Acesso em 1 de jul 2020.
- ROSA, N. (2020). O que é cultura do cancelamento? O que significa nos mundos real e digital? Disponível em: <https://canaltech.com.br/comportamento/o-que-e-cultura-do-cancelamento-164153/>. Acesso em 30 jun 2020
- UOL. Ex-BBB Marcela revela pedido por ajuda médica e lamenta 'cancelamento'. (2020). Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2020/05/03/ex-bbb-marcela-revela-pedido-por-ajuda-medica-e-lamenta-cancelamento.html>. Acesso em 1 de jul 2020.
- WAKKA, W. (2018). Julio Cocielo perde patrocínios após polêmica com post considerado racista. Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/julio-cocielo-perde-patrocinius-apos-polemica-com-post-considerado-racista-117164/>. Acesso em 1 de jul 2020.

Notas

¹ Graduando do curso de Comunicação Social – Produção em Conhecimento em Cultura, pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. 2020. Email: alessandrofsf13@gmail.com

² Marshall McLuhan (1911 – 1980) destacado educador, intelectual, filósofo e teórico da comunicação canadense, conhecido por vislumbrar a Internet quase trinta anos antes de ser inventada.

³ Todas fotos retiradas de:

<https://www.ofuxico.com.br/bbb/noticias/bbb20-cancelados-veja-os-ex-favoritos-do-publico/2020/03/22-373907.html> em 01/07/2020

⁴ Lucas Liedke Psicanalista e Analista de Cultura e Comportamento. Citações retiradas de seu texto no medium (Cultura do Cancelamento) em <https://medium.com/psicanaliedke/cultura-do-cancelamento-d34539f419be> 2020

⁵ Site para publicar artigos e textos: <https://medium.com/psicanaliedke/cultura-do-cancelamento-d34539f419be> em 01/07/2020

⁶ De acordo com:

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/fascismo-italiano---contexto-historico-a-criese-italiana-e-o-fascio-de-combate.htm#:~:text=O%20fascismo%20%C3%A9%20um%20movimento,ra%C3%A7a%20sobre%20os%20valores%20individuais>. Em 01/07/2020.